



**Weberson Fernandes Grizoste & Francisco Bezerra dos Santos (orgs)**  
**(2021) *Recepção & ekphrasis no ensino de letras clássicas*. Manaus:**  
**Editora UEA, 173p. ISBN: 978-65-87214-40-5**

*Adir de Oliveira Fonseca Junior (Universidade Federal da Bahia)*  
adirfonseca@ufba.br

*Recepção & ekphrasis no ensino de letras clássicas*, organizado por Weberson Fernandes Grizoste (Universidade do Estado do Amazonas) e Francisco Bezerra dos Santos (Universidade Federal do Paraná), é uma coletânea de seis estudos originalmente apresentados no simpósio “Hermenêutica e *ekphrasis* no ensino de letras clássicas”, associado à III Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins (inicialmente planejada para 2018, mas adiada para outubro de 2021 em virtude da pandemia).

O primeiro ensaio, “A *ekphrasis* nos epigramas fúnebres enigmáticos gregos”, de autoria de Flavia Vasconcellos Amaral, explora o epigrama, que teria suas origens em inscrições feitas em objetos votivos, lápides funerárias ou monumentos e que viria a se constituir como gênero poético autônomo, por assim dizer, no período helenístico. Dialogando com referências bibliográficas de grande relevância e atualidade (a maioria em língua inglesa), Amaral argumenta que a *ekphrasis* é um recurso comumente empregado no gênero epigrama, particularmente nos chamados epitáfios enigmáticos, que “propõem algumas perguntas sobre a composição visual das lápides que vão sendo respondidas ao longo do poema” (p. 18). Então, a autora se propõe a analisar quatro epitáfios desse tipo, todos eles transmitidos na *Antologia Grega*, a saber: poemas 421 e 428 de Meleagro, 422 de Leônidas de Tarento e 427 de Antípatro de Sídon. Tal recorte se revela preciso e coeso, uma vez que, conforme demonstrado pela

autora, os poemas se conectam em um complexo jogo intertextual e efrástico, no qual a imagem do dado de astrágalo ocupa um papel central. Em suma, o ensaio de Amaral tem o mérito de apresentar, de modo rigoroso e ao mesmo tempo criativo e estimulante, textos pouco conhecidos, fornecendo uma contribuição original aos estudos sobre o gênero epigrama e, em especial, sobre os epítáfios enigmáticos.

O segundo ensaio, “A *amplificatio* como procedimento pré-efrástico na *Oratio Pro Sestio*” de Francisco de Assis Costa de Lima, parte do pressuposto de que a técnica da amplificação estaria associada à da éfrase, sendo ambas produtoras de *enargeia* (“evidência”). Lima compreende a *ekphrasis* em sentido amplo, isto é, como uma descrição, um discurso amplificador, sobretudo no contexto retórico romano (p. 35). A introdução do ensaio é bastante explicativa e retoma argumentos fundamentais da *Retórica* de Aristóteles, da *Retórica a Herênio* e da *Ars Poetica* de Horácio. Seguindo Heinrich Lausberg, Lima estabelece uma distinção entre amplificação positiva e amplificação negativa. Ele seleciona passagens da *Oratio Pro Sestio*, observando como esses dois recursos são utilizados por Cícero na construção do *ethos* (positivo) de Séstio e, depois, dos *ethe* (negativos) de Clódio, Gabínio e Pisão.<sup>1</sup> As passagens citadas são ilustrativas e Lima oferece uma boa contextualização histórica e política, além de elucidar conceitos retóricos relevantes para a apreciação do texto ciceroniano. O ensaio, porém, tem um número excessivo de notas e citações, por vezes repetitivas – por exemplo, cita-se o mesmo trecho de Lausberg, mencionado acima, na p. 57. Se, por um lado, Lima é didático ao explicitar o uso da amplificação em passagens centrais do *Pro Sestio*, por outro lado, seu estudo teria espaço para considerações de natureza mais interpretativa acerca dos mecanismos e efeitos gerados pela *amplificatio* nas passagens analisadas. Por fim, Lima propõe que a *amplificatio* seria um recurso pré-efrástico – um argumento importante mas que, a meu ver, não é desenvolvido de modo consistente ao longo do estudo.

O terceiro ensaio, “Considerações sobre ritmo e período oratório na esfera da antiguidade clássica: refrações e influências musicais na estrutura do *cantus planus*” de Carlos Renato Rosário de Jesus, se dedica a analisar o ritmo

---

<sup>1</sup> Heinrich Lausberg (2011) *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

no discurso oratório latino e no canto gregoriano. O autor transita com facilidade por diversos campos de estudo (da filologia à linguística à cronobiologia), concatenando ideias complexas sobre sistemas rítmicos sem perder de vista o discurso oratório. Embora a relação entre este gênero e o canto gregoriano possa parecer pouco usual, os argumentos e exemplos arrolados por Jesus são extremamente convincentes. De fato, o autor ressalta que, assim como a prosa oratória latina, o canto gregoriano também “possuía métrica, mas ritmo livre” (p. 88), além de adotar diferentes “modos” que seriam capazes de suscitar emoções específicas na audiência (p. 92). Ao final do ensaio (p. 94-95), Jesus demonstra semelhanças notáveis entre a estrutura do verso do canto gregoriano (com base em um exemplo extraído do *Liber Usualis*) e a colometria do período oratório latino, sendo este composto de membros e incisos, tal como estipulado por Cícero (*Orator* 223).

O quarto ensaio, “Do *carpe diem* ao *hakuna matata*”, de autoria conjunta de Weberson Fernandes Grizoste e André Luís Martins Rodrigues, explora a recepção da filosofia epicurista, particularmente do *carpe diem* horaciano, na animação *Around the World with Timon & Pumba* (1996). Na p. 105, introduz-se rapidamente o conceito de “écfrase reversa” (“reverse *ekphrasis*”), citando-se Murray Krieger – apenas na p. 118, no entanto, apresenta-se uma definição mais precisa desse conceito como uma transposição do texto verbal para as artes visuais.<sup>2</sup> Os autores descrevem o *hakuna matata* – lema dos personagens Timão e Pumba na referida série da Disney, que significaria “sem problemas” (no idioma suaáli, adicione-se) – como “um termo moderno equivalente ao *carpe diem*” e que “remete-nos a duas escolas filosóficas gregas: o hedonismo e o epicurismo” (p. 106). Embora essa premissa pareça fazer sentido em um nível superficial, as conexões que se estabelecem entre cenas da animação e passagens específicas de Horácio demonstram certa fragilidade. Na p. 110, por exemplo, os autores associam uma cena em que Pumba descobre uma pepita e atrai a atenção de um ladrão com uma passagem não das *Odes*, mas das *Sátiras*, argumentando que “[p]ara Horácio, o perigo dos ladrões era uma das preocupações das quais o detentor de posses estava sujeito (S.1.1.76-79)”. Penso que teria sido mais proveitoso se o ensaio se restringisse à relação entre a canção *Stand by me* (na

---

<sup>2</sup> Murray Krieger (1992) *Ekphrasis: The Illusion of the Natural Sign*. Baltimore/London: The John Hopkins University Press.

versão de *Around the World with Timon & Pumba*) e a *Ode* 2.17 horaciana, cujas conexões são demonstradas de forma mais plausível por Grizoste e Rodrigues na última seção do ensaio.

O quinto ensaio, “Os clássicos na tela do cinema: O caso da tragédia *Édipo Rei*” de Francisco Bezerra dos Santos, também trata da recepção clássica em uma obra audiovisual, mas com foco no *Édipo Rei* de Sófocles e em sua adaptação para o cinema feita pelo diretor italiano Pier Paolo Pasolini em 1967. O ensaio de Santos possui objetivos bem definidos, apresentados na introdução e desenvolvidos ao longo do artigo: 1) discutir a relação entre cinema e literatura; 2) apresentar elementos constitutivos do gênero trágico, com foco na produção do temor e da compaixão; 3) evidenciar esses elementos no *Édipo Rei* de Sófocles; e, por fim, 4) realizar o cotejo do texto sofocliano com o filme de Pasolini. Por um lado, o ensaio chega a conclusões que já são dificilmente contestáveis hoje, mas que, para fins metodológicos, talvez ainda precisem ser lembradas, como a de que “é preciso olhar para o processo intersemiótico de adaptação sem hierarquização” (p. 146). Por outro lado, a análise propriamente dita se resume a apontar semelhanças e diferenças entre as duas obras em apreço, sem considerar os efeitos da recepção – nesse sentido, a pesquisa conduzida por Santos poderia se beneficiar da leitura de estudos sobre intertextualidade, como os de Paulo Sérgio Vasconcellos e Patricia Prata.<sup>3</sup> Na p. 145, por exemplo, Santos menciona que, na última parte do filme de Pasolini, “Édipo e seu guia são transportados para [...] as ruas de uma cidade italiana dos anos 60”. Seria interessante refletir sobre o *porquê* dessa escolha cinematográfica e quais seriam as possíveis implicações estéticas e/ou políticas geradas pelo anacronismo. Além disso, Santos traria mais corpo ao seu estudo se destacasse quais seriam as contribuições originais de seu ensaio em relação ao artigo escrito por Helena Bonito Couto Pereira e Maria Luiza Guarnieri, que se dedica ao mesmo tema e é citado com frequência por ele.<sup>4</sup>

O sexto e último ensaio, “*Salve Regina* (latim) no conto ‘Marido’ de Lídia Jorge: Resignificações” de Soraya Paiva Chain, inicia-se com uma definição do conceito de *ressignificação* sob uma perspectiva neurolinguística (p. 149). Na

---

<sup>3</sup> Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001) *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas; Patricia Prata & Paulo Sérgio de Vasconcellos (orgs) (2020) *Sobre intertextualidade na literatura latina*. São Paulo: Editora Unifesp.

<sup>4</sup> Helena Bonito Couto Pereira & Maria Luiza Guarnieri Atik (2008) Da dramaturgia ao cinema: *Édipo Rei*. *Eutomia*, 2, p. 198-212.

segunda parte, Chain faz algumas observações preliminares sobre o conto “Marido” de Lídia Jorge, que mescla livremente trechos da oração católica *Salve Regina*, em latim, ao texto em língua portuguesa. Essa parte do ensaio perde sua força com a presença de algumas constatações um tanto evidentes, como “[p]or meio dessa ressignificação, podemos ver o quanto de latim tem o português” (p. 157). Contudo, a terceira parte do ensaio se sobressai, pois nela se tecem comentários mais robustos e interpretativos sobre o texto de Lídia Jorge. Apoiando-se em Michel Foucault, Chain aponta relações sólidas entre os usos da oração latina no conto em apreço e o forte domínio da moralidade cristã sobre a subjetividade da personagem Lúcia.<sup>5</sup> Chain estabelece uma relação verossímil entre o nome da protagonista do conto, Lúcia, e a luz da salvação (talvez seja possível, ainda, associar essa personagem a Lúcifer, o que anteciparia a sua transgressão final pela morte; ademais, valeria a pena ressaltar que o padre mencionado no conto se chama Romão, em uma sugestiva alusão a Roma ou, antes, à Igreja Católica Apostólica Romana). Em resumo, Chain faz uma análise pertinente sobre os impasses religiosos, morais e psicológicos vivenciados por Lúcia no conto, impasses esses que se refletem linguisticamente, nas súbitas alterações do português para o latim. No entanto, percebe-se que o aporte metodológico utilizado por Chain não dialoga efetivamente com a proposta do artigo, sobretudo no que diz respeito às considerações de Friedrich Schleiermacher, citadas ao final do texto, acerca da “intenção de comunicação do autor” (p. 171).<sup>6</sup> Além disso, chama a atenção a excessiva referência a dicionários, gramáticas e enciclopédias e a falta de referência a estudos críticos sobre a obra de Lídia Jorge.

Para concluir esta resenha, o volume *Recepção & ekphrasis no ensino de letras clássicas* possui uma diversidade de estudos e abordagens que merece ser conhecida por classicistas do mundo lusófono, particularmente por aqueles interessados nos temas indicados no título. Embora o tema “ensino” acabe ficando em segundo plano – não sendo discutido de modo explícito em nenhum

---

<sup>5</sup> Michel Foucault (1979) *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 18ª edição. Rio de Janeiro: Graal; Michel Foucault (2006) *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>6</sup> Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (2005) *Hermenêutica e crítica*. Volume 1. Tradução de Aloísio Ruedell e revisão de Paulo R. Schneider. Ijuí: Unijuí; Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1974) *Hermeneutik*. Nach den Handschriften neu herausgegeben und eingeleitet von Heinz Kimmerle. Zweite Auflage. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag.

dos ensaios –, docentes de grego e latim certamente poderão se inspirar na qualidade dos materiais adotados e nas diferentes formas de análise textual conduzidas pelas autoras e autores do livro. Com efeito, as conexões estabelecidas entre textos clássicos e diferentes gêneros e artes – inclusive, mas não somente, contemporâneos – possivelmente despertarão o interesse dos discentes e fomentarão a transmissão, o ensino e a aprendizagem das línguas e literaturas clássicas, que, como quaisquer disciplinas, requerem olhares atualizados e atentos, críticos e inclusivos.

*Data de publicação: 04/10/2024*